

CARNALIDADE DOS CORTEJOS DE CONGADO: UMA INTERPRETAÇÃO DOS GESTOS ENTRE-CORPOS¹

Carnality of the Congado's corteges: an interpretation of between-body-gestures

Elisabete de Fátima Farias Silva²

RESUMO

Os trajetos e trejeitos dos corpos que conformam os cortejos de Congado são expressos na gestualidade encarnada de batuqueiros, transeuntes e espectadores desta colorida e ruidosa manifestação cultural que toma as ruas, impondo-lhes o ritmo do corpo-cortejo. O encontro dos corpos nas ruas provoca e é provocado por um diálogo gestual, que irrompe na carnalidade do próprio fenômeno. A compreensão da comunicação expressiva gestual, como nos inspira a fenomenologia da linguagem pensada por Merleau-Ponty, desde o sensível, pressupõe a presença do outro, não enquanto objeto puro exterior, mas como projeção fundamental da relação com o mundo, encarnada na dobra do visível e invisível. Perceber no espaço público a rejeição, desdém ou fechamento ao corpo-cortejo é, também, compreender a espacialidade fundada entre-corpos-lugares, da alvorada ao anoitecer dos cortejos.

Palavras-chave: Cortejo de Congado. Gestos. Merleau-Ponty. Rua.

ABSTRACT

The paths and dances of the bodies that make up Congado's corteges are expressed in the incarnated gesture of batuqueiros, passers-by and spectators of this colorful and noisy cultural manifestation that takes to the streets, imposing on them the rhythm of the cortege-body. The encounter of the bodies in the streets provokes and is provoked by a gestural dialogue, which erupts in the carnality of the phenomenon itself. The understanding of expressive gestural communication, as inspired by Merleau-Ponty's phenomenology of language, from the sensible, presupposes the presence of the other, not as a pure external object, but as a fundamental projection of the relation to the world, embodied in the fold of the visible and invisible. Perceiving in the public space the rejection, scorn or closure of the cortege-body is also to understand the spatiality founded between-body-places, from dawn to dusk of corteges.

Keywords: Congado's cortege. Gestures. Merleau-Ponty. Street.

1 Trabalho apresentado durante o "IV Colóquio Merleau-Ponty: A carnalidade do pensamento: filosofia, ciência e política", realizado na Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp, em Limeira, de 12 a 14 de Dezembro de 2018.

2 Doutoranda em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Unicamp. lisafariasgeografia@gmail.com.

✉ Rua 12, n. 937, Rio Claro, SP. 13500-110.

UM ENCONTRO NO ESCURO

Costumava estar escuro ainda quando os integrantes do grupo “Congada e Tambu de São Benedito rioclareense” se encontravam na casa do capitão Ariovaldo, para então pegar o ônibus que os levaria para outra cidade, onde batucariam para um santo negro em cortejo. Ansiosos e animados, os corpos, mesmo sonolentos, não reclamavam do encontro na madrugada: era a possibilidade que muitos tinham de viajar, conhecer outros lugares e pessoas e esse era um dos motivos que unia a maior parte dos mais de 30 integrantes do grupo de Congada.

Saindo de Rio Claro, no interior paulista, tive a oportunidade, por ocasião do mestrado de 2014 a 2016, de acompanhar os deslocamentos do grupo para apresentações em Guaratinguetá, Itapira, Casa Branca, Batatais, Pirapora do Bom Jesus e Aparecida do Norte. E da análise geográfica destas experiências foi elaborada a dissertação em Geografia (SILVA, 2016) e o vídeo “EntreBatuques” apêndice a ela. Contudo, o trabalho que aqui se apresenta se estende por outras vias, é caminho de outras reflexões que cruzam em alguns pontos com a pesquisa de mestrado, mas que já se dão em um outro momento da investigação.

À luz das experiências com os cortejos de Congado, pretendo aqui destacar os trajetos e os trejeitos da carnalidade dos corpos-lugares que se fazem Congado e do diálogo gestual que se dá no encontro dos corpos nas ruas, atentando-me também aos corpos outros, alheios às manifestações, mas que, enquanto espectadores, também participam dos cortejos expressando em gestos suas percepções que demarcam corpos-lugares.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty dá bases para pensar os gestos a partir de sua filosofia desde o sensível, via fenomenologia da percepção e da linguagem, trabalhadas em várias de suas obras (MERLEAU-

PONTY 1971; 1975; 1991; 1994; 2004; 2012). Para ele, o gesto seria o movimento expressivo originário da linguagem, encarnado na expressão corpórea (FURLAN; BOCCHI, 2003).

E que seria linguagem? “A linguagem não é tradução ou reprodução do pensamento e, neste sentido, uma potência de caráter secundário. Ao contrário, ela é fonte originária de sentido do próprio pensamento”, interpretam Furlan e Bocchi (2013, p. 446) a respeito da obra merleau-pontyana. Enquanto no empirismo, a linguagem é objetivada e o sujeito é inexistente, no intelectualismo ela é operação essencialmente subjetiva e a posse do sentido está contida no sujeito pensante, critica o filósofo francês em sua “Fenomenologia da Percepção” (MERLEAU-PONTY, 1994).

Merleau-Ponty (2012, p. 171-172), em “A prosa do mundo”, entende que a significação da linguagem se dá na relação entre-corpos, capaz de impactar(-se) e irromper gestualmente a prosa do mundo:

Percebo comportamentos imersos no mesmo mundo que eu, porque o mundo que percebo arrasta ainda consigo minha corporeidade, porque minha percepção é impacto do mundo sobre mim e influência de meus gestos sobre ele, de modo que, entre as coisas visadas pelos gestos do adormecido e esses gestos mesmos, na medida em que ambos fazem parte de meu campo, há não apenas a relação exterior de um objeto com um objeto, mas, como do mundo comigo, impacto, como de mim como o mundo, conquista. E, se perguntarem ainda, sobre o papel de sujeito encarnado que é o meu, de que maneira sou levado a confiá-lo a “outros”, e por que enfim os movimentos do outro me parecem como gestos, por que o autômato se anima e o outro está ali, é preciso responder, em última análise, que é porque nem o corpo do outro nem os gestos que ele visa jamais foram objetos puros para mim, eles são interiores a meu campo e a meu mundo, são portanto, desde o início variantes dessa relação fundamental [...].

Assim, a comunicação expressiva gestual pressupõe a presença do outro, não enquanto objeto puro exterior, mas como projeção fundamental da relação com o mundo, encarnada na dobra do visível e invisível (MERLEAU-PONTY, 1971) percebida entre-corpos.

Para se aprofundar nessa percepção da prosa do mundo é preciso re-encontrar a origem da linguagem que, sob o ruído das falas, é um silêncio primordial. O que rompe esse silêncio e traz ao mundo a significação e o sentido é o gesto (MERLEAU-PONTY, 1994). Retornar a essa origem é um recurso metodológico que tensiona voltar-se à dimensão pré-reflexiva e fundamental da linguagem, a qual corresponderia ao movimento primordial do ato expressivo: a linguagem nascente pelos gestos.

Todavia, o sentido dos gestos não é dado como uma mera exteriorização de algo. Mas, sobretudo, compreendido por um ato de retomada do espectador que o percebe a partir do momento que aquilo o afeta e se relaciona com seu campo de percepção. A comunicação pelos gestos é recíproca, simultânea e ambígua: "Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu" (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 251).

A intencionalidade é a abertura/fechamento ao diálogo instaurado pelos gestos que provocam a percepção e a linguagem. Assim, "Não é apenas o gesto que é contingente em relação à organização corporal, é a própria maneira de acolher a situação e de vivê-la" (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 257).

Significado corporalmente na situação vivida, e encarnado na presença, acolhida e abertura ao mundo, os gestos rompendo o silêncio primordial produzem um diálogo ensurdecido a quem se propõe, fenomenologicamente, a vê-los. É esse diálogo gestual que se pretende destacar neste trabalho a partir das experiências nos cortejos de Congado no interior paulista.

Para tanto, recorro aos momentos próprios das festividades dos encontros de Congado para aludir aos trajetos e trejeitos dos corpos que conformam os cortejos, os quais são expressos na gestualidade encarnada de batuqueiros, transeuntes e espectadores desta colorida e ruidosa manifestação cultural que toma as ruas. Em "A alvorada ilumina trajetos e trejeitos", descrevo brevemente a relação entre-corpos dadas já nos primeiros raios de sol dos encontros de Congado, justificando a escolha pelo termo corpo-batuqueiro e pelo momento cortejo na interpretação dos gestos entre-corpos, com o quê sublinho em "Corpos-outros: distintas percepções fenômeno" os conceitos de dobra e percepção em Merleau-Ponty, atreladas ao entendimento de reversibilidade e intencionalidade em "Ver o cortejo". Em "No sol da tarde, os corpos tomam as ruas", a relação corpo e mundo aparece com mais cores, e aponto para a formação do corpo-terno e corpo-cortejo, em movimento aos corpos associados (espectadores e transeuntes), para interpretar o fechamento, rejeição e/ou desdém desses corpos outros (em tempos e situações divergentes) aos cortejos de Congado que ocupam as ruas. Por fim, em "É chegada a despedida, a noite leva os corpos-batuqueiros", sinalizo a carnalidade do cortejo latente em cada corpo-batuqueiro que se presta a ser Congado.

Não por coincidência, a proporção dos textos neste artigo indica também a temporalidade vivida nos festejos: uma manhã subdividida em momentos (do ainda madrugada para o clarão do sol a pino), uma longa tarde (por entre vias curvadas, retornos e paradas estratégicas) e um anoitecer curto e satisfeito (que sente no corpo, os trajetos e trejeitos).

A ALVORADA ILUMINA TRAJETOS E TREJEITOS

Um cortejo de Congado tem dia e hora marcados para acontecer, não se tratam de simples encontros espontâneos na cidade, já que

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

respondem à regulação oficial que rege o ordenamento, forma e trânsito urbanos. Antes, durante e depois do cortejo, a organização do evento se responsabiliza por conformar e comportar nas ruas uma outra disposição de corpos: enfileirados, os batuqueiros se movimentam na área delimitada com antecedência pela prefeitura; a polícia militar e, às vezes, até ambulâncias médicas são acionadas; placas de sinalização e paradas estratégicas indicam as casas que oferecerão água e alimento aos cansados, mas festivos corpos-batuqueiros.

O termo **corpo-batuqueiro** é aqui tomado como variedade de corpos que compõem os cortejos de Congado. O Congado, além dos grupos de Congada, é formado também por grupos de Moçambique, Catupé, Marujada, violeiros de São Gonçalo, Vilão, Caboclinho e mesmo folias de Reis e folias do Divino³. São os líderes dos grupos (conhecidos como capitão) que recebem o convite antecipadamente e providenciam o deslocamento até a cidade onde se dará a festividade. Esta é composta por vários momentos: alvorada, levantamento do mastro, coroação dos Reis, missas, shows, procissões e/ou cortejos.

Nesse artigo, valho-me das percepções do **cortejo** por entender que, como explica Brandão (1989), esse é um momento contrário ao da procissão guiada por membros da igreja católica. “No cortejo são as pessoas que desfilam a si próprias. Não há andores, e são eles mesmos, figurantes que tocam, cantam e dançam, os que se adornam para desempenhar um papel para ser visto”. Sem, contudo, “conspirar contra o espírito devoto que se revela ser a razão da festa” (BRANDÃO, 1989, p. 21).

“Desfilando-se a si mesmo, revestidos de dignidade” (BRANDÃO, 1989, p. 23), os corpos-batuqueiros tem violas, sanfonas, pandeiros e tambores, usam fitas, chapéus, turbantes, saias, mantos. Terços lhes cobrem o pescoço e as mãos seguram rosários, cedros, bengalas

³ Ver mais em Andrade (1959) e Rabaçal (1976).

de madeira, espadas ou bastões. Guias de contas lhes cruzam o peito, vestidos de branco, de cetim vermelho, onça, brilho e renda. Corpos-batuqueiros que tocam, dançam e cantam, louvando aos santos negros acompanhados por rica percussão – mesmo que os instrumentos de cordas se cheguem nas festividades do Congado, é o grave dos tambores e o chocalhar ruidoso dos pandeiros e metálico dos pantagomes (instrumento redondo com esferas de chumbo no interior) e gungás (latas de metal presas nos tornozelos) que agitam os corpos e compõem a sonoridade marcante de um cortejo com seus trejeitos e trajetos.

Como já mencionado, o trajeto do cortejo é traçado com antecedência, tem hora para começar e terminar. E esse espaço delimitado “é a evidência do onde”, tendo “orientação, polaridade, envolvimento” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 287) como fenômenos derivados da presença dos corpos-batuqueiros empenhados em fazer-se cortejo. Assim, os corpos tomam a rua a partir de um acordo legalmente firmado entre poder público municipal e organizadores da Igreja Católica responsáveis por conformar e comportar os corpos em cortejo.

Entretanto, podem irromper fatos inesperados: o vivido dos cortejos nunca poderá ser totalmente planejado porque fatores vários fogem à regência do urbano quando se trata de um encontro de muitos corpos – o cortejo é um corpo-vivo: um corpo que se demora mais para andar nas ladeiras íngremes para os joelhos desgastados dos mais velhos, um corpo sujeito ao atraso quando a chuva ou o sol em demasia teimam em aparecer contradizendo o planejamento cronológico e padronizado dos organizadores. Conformado por corpos-batuqueiros, **o cortejo é um corpo-vivo** em festa que tem seu próprio ritmo evidenciado no espaço do corpo (SILVA, 2016).

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

É nesse ritmo de um corpo-vivo que, ao sol quente e constante destes trópicos, principalmente à tarde, os cortejos de Congado movimentam/são movimentados pelas ruas das cidades que os acolhem. Porém, antes disso, chegando na madrugada ou no comecinho da manhã, a alvorada (Figura 1) ilumina os grupos vindos de longe e perto para formar os trajetos e trejeitos do cortejo e demais momentos da festividade que se desenrolará pelo dia.

Não foram em todas as cidades que presenciei a alvorada com o grupo “Congada e Tambu de São Benedito rioclarense”, já que a alvorada costuma acontecer entre as cinco ou seis horas da manhã, estendendo-se até os primeiros raios de sol. Porém, em todas as ocasiões que nos foi possível, percebi que os espectadores que acompanhavam esses primeiros momentos dos cortejos eram devotos do próprio bairro onde acontecia a movimentação (Figura 2). Por isso mesmo, aqueles espectadores já conheciam a dinâmica do Congado e estavam ali para comungar uma vez mais sua fé com os visitantes batuqueiros. Diferente dos espectadores da tarde em que se nota o interesse constante pelo registro em celulares, compras e muita conversa ou os espectadores da noite que se deslocam intencionalmente para as missas e shows que encerram a programação, os corpos que se empenham a acompanhar os primeiros momentos das festividades na alvorada se portam mais serenos, quietos, em estados de oração e vestidos com roupas simples, tal como estavam em casa ainda na madrugada.

Nenhum comércio aberto, o sono incompleto pelo despertar na madrugada, e mesmo assim espectadores se somam aos corpos-batuqueiros dando início a mais um dia de festividade aos santos negros. Muitos daqueles primeiros espectadores dali já rumavam para o trabalho, e sendo aquele horário talvez o único tempo



Figura 1 - Alvorada: os grupos se encontram às 5 horas da manhã em frente à capelinha iluminada de São Benedito para dar início ao festejo do Congado, Aparecida, SP, 5 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.



Figura 2 - Ainda madrugada, a garota beija a bandeira da guarda de Moçambique em sinal de devoção acompanhada da família que veio acompanhar mais uma alvorada do Congado, Aparecida, SP, 5 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

possível para ver o Congado em sua própria cidade, abençoados ao som dos tambores, à luz dos primeiros raios de sol (Figura 3), corpos partiam e outros se achegavam em um vai e vem constante.

Aglomerados em frente das sempre pequenas e simples igrejas dedicados aos santos negros, os corpos-batuqueiros esperam o sinal para iniciar o trajeto. A formação do trajeto de um cortejo de Congado responde, inclusive, ao processo histórico de ocupação dos bairros e consolidação dos lugares do catolicismo atrelado à cultura popular: próximo àquela praça daquela capelinha de São Benedito, Nossa Senhora do Rosário ou Santa Efigênia, virando aquela esquina onde residia um devoto mais antigo e subindo aquela ladeira que tem menos movimento de trânsito, por exemplo. Dificilmente um desses cortejos se dá próximo aos bairros centrais onde estão construídas as oponentes catedrais católicas. Todavia, também é fato que algumas festas que se dizem centenárias já tiveram muito de seu ritual alterado, até mesmo o trajeto do cortejo em vias das



Figura 3 - Primeiros raios de sol da manhã iluminam os muitos espectadores que se achegam na movimentação do Congado, Aparecida, SP, 5 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

mudanças urbanas ocorridas. De qualquer modo, o trajeto de um cortejo exprime uma geografia traçada a muitos pés que, ao ocupar as vias urbanas, remonta à repetitividade, circularidade e ritmo próprios de uma cultura afro-brasileira, reforçando o sentido da tradição do Congado (SILVA, 2019).

Em Guaratinguetá, conversei com vizinhos que olhavam o passar lento e ritmado do cortejo centenário (sempre diferente e, ao mesmo tempo, sempre fiel à tradição congadeira). Recostados em janelas que já se abriam nas calçadas, em casas antigas sem quintais ou portões, alguns me disseram que acompanhavam esse cortejo há anos e que se tratava de um momento esperado, pois ouvir os batuques do Congado era receber as bênçãos do santo negro em seu lar. Contudo, ocupar o espaço público é também encontrar janelas fechadas, com pessoas incomodadas com aquela situação de demonstração pública da fé; é encontrar corpos fechados, ávidos para prosseguir com seus afazeres e transitar na rua desimpedida. Tudo isso faz parte da festividade, a abertura e o fechamento, a espera para ver de novo e a espera para logo acabar.

Esse momento festivo é pulsante, vivo e se faz na interação entre os corpos-batuqueiros vindos de vários lugares e dos espectadores da cidade hospedeira. A Igreja e a prefeitura são os agentes burocráticos que acordam as atividades e dão a infraestrutura necessária, todavia a beleza da festa não se limita apenas a essas questões físicas. A sensação de que a festa foi boa passa, em grande medida, pela dedicação dos corpos-batuqueiros que se põe a movimentar e, efetivamente, fazer a festa, carregando os pesados tambores, subindo e descendo as ruas, dançando solto e cantando firme ao sol quente das tardes, desde a alvorada escura

e silenciosa, irrompida pelo ruidoso Congado, até o findar alaranjado do dia, anunciando a noite.

Corpos-outros: distintas percepções do fenômeno

Acompanhando as reflexões de De Paula (2017, p. 37-38), a percepção de que a festa foi boa remete à carnalidade do cortejo de Congado. Já que “a carne do lugar é feita de chão, das pessoas que nele vivem, de relevo, pela forma como o vivem [...] e pelo que as pessoas pensam nele, dele, pelo que sentem nele, por ele, em relação a ele”. O material e imaterial, visível e invisível compõem **a dobra que é a carne dos lugares** e, embora se diga que os sentimentos sejam das pessoas, “os sentimentos em relação a um lugar são a ‘devolução’ para o lugar daquilo que ele mesmo deu às pessoas” (DE PAULA, 2017, p. 38). Desse modo, pensar o cortejo de Congado é destacar os corpos (batuqueiros e espectadores) e o entre-corpos da situação percebida. Existem cortejos curtos e intensos, acalorados pela recepção dos espectadores hospedeiros que fazem vibrar ainda mais o batuque do Congado e existem também cortejos extensos, de longa data, mas que não toca as pessoas que estão imersos em suas atividades de compra, trabalho e lazer.

De Paula (2017, p. 34) destaca que “a carne é essa dobradiça, ao mesmo tempo, sólida e oculta. Nem matéria, nem ideia; mas, por deiscência também matéria e ideia, um uno que se abre em dois (DUPOND, 2010), um Si dilacerado (MERLEAU-PONTY, 2006)”. O movimento e a reversibilidade dos corpos que compõem as festividades de Congado constituem essa interação entre-corpos que invoca a carnalidade dos cortejos.

Comunicando-se por gestos, os corpos expressam a prosa do mundo que pode ser interpretada em vias de acolhimento, rejeição, ignorância,

aceite, admiração – sensações simultâneas e não excludentes. Seja porque o cortejo de Congado é um fenômeno que atinge muitas pessoas, em alguns casos como em Aparecida do Norte pode se falar em multidões, onde o número de pessoas na cidade se multiplica nove vezes acima do número de residentes, seja pela diversidade de aberturas possíveis no contato com outros mundos.

Entretanto, ponto que falar de Aparecida é se referir a uma cidade de turismo religioso onde a fé católica já está impregnada, os festejos fazem parte do calendário municipal e dão base à economia local. Contudo, em cortejos com proporções menores, principalmente, quando a população não é expressivamente católica ou se tratam de manifestações recentes, a gestualidade dos corpos em oposição aparece de modo mais incisivo. Neste sentido, é válido circunscrever os lugares onde esses corpos-batuqueiros em cortejo se manifestam, para se compreender a relação dada entre-corpos pelos gestos nos trajetos e trejeitos do Congado.

Tanto o corpo-batuqueiro que dança e canta se comunica com os transeuntes e espectadores, como é comunicado por eles. Existe ali uma comunicação entre-corpos a ponto de quando se termina uma festividade, os batuqueiros mencionarem: essa cidade nos acolheu/ acolhe bem. Dessa percepção compartilhada constantemente entre os corpos-batuqueiros, vem o questionamento: Como se dá essa acolhida/repulsa pela cidade? Esses sentimentos são atribuídos aos lugares, porquanto não seriam atitudes das pessoas que compõem o lugar? Nesse diálogo entre-corpos-lugares, a significação acontece a ponto de marcar no corpo um sentimento do lugar.

Aqui fica expressa a reciprocidade entre corpo e mundo, ao mesmo tempo liberdade e prisão, na formulação geográfica de uma relação inextricável. De Paula (2017) argumenta, a partir da ontologia do sensível de Merleau-Ponty, que o mundo se abre e nos prende, no

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

âmbito da linguagem e do sentido, tanto quanto nos abrimos e prendemo-nos a ele carnalmente. Assim, os lugares, em sua condição de corpos-lugares (expressão da dobra que é a carne), constituem-se a partir de eventos de permanência e mudança.

Nóbrega (2008, p. 143) torna claro que o conceito de percepção só é possível no pensamento merleau-pontyano porque a noção de corpo-objeto é rompida, tanto quanto a noção clássica dos órgãos dos sentidos como receptores passivos: “[...] Merleau-Ponty reforça a teoria da percepção fundada na experiência do sujeito encarnado, do sujeito que olha, sente e, nessa experiência do corpo fenomenal, reconhece o espaço como expressivo e simbólico”.

Como então um mesmo estímulo (cortejo de Congado) não provoca uma mesma reação nos corpos? Para Merleau-Ponty é, justamente, a **percepção** o diferencial que, pela linguagem simultânea ao pensamento, promove expressões corpóreas várias. Os sentidos humanos não são janelas do conhecimento (abertas e sem nenhuma trava), por isso, embora o estímulo exista e impressione os sentidos, as significações corpóreas assumem configurações variadas para cada acontecimento: “[...] a percepção não apenas decodifica estímulos, linearmente, mas reflete a estrutura do nosso corpo frente ao entorno, em contextos sociais, culturais e afetivos múltiplos” (NÓBREGA, 2008, p. 144).

Um corpo apenas ou mesmo poucos corpos tomarem a rua pode ser interpretado como um gesto de ousadia, inconsequência, risco. Mas no caso dos cortejos de Congado, além de se seguir os acordos burocráticos do município, ainda se conta com muitos corpos. Dezenas a centenas de corpos-batuqueiros que pulsam ao ritmo dos tambores nas pequenas cidades festivas mais tradicionais como Guaratinguetá ou nas de adesão mais recente

ao Congado como Batatais, ou ainda, milhares de centenas de corpos-batuqueiros como nos grandes cortejos da cidade que abriga a negra imagem da padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida (Figura 4).

Essa grande quantidade de corpos dá outra atmosfera ao lugar e essa maioria inibe e coíbe os corpos-outros que discordam da manifestação do Congado, afastando-os da ruidosa ocupação das ruas. Desfilando pelo trajeto pré-estabelecido, os corpos-batuqueiros se encontram com transeuntes da cidade hospedeira, esses podem se tornar espectadores do cortejo, caso se empenhem em ver, ou apenas passar por ali e efetivamente não se encontrar com o Congado, mas apenas co-habitar o espaço público da rua.

Como percebido nas cidades visitadas, muitos transeuntes alheios aos cortejos são surpreendidos com a placa de sinalização de desvio e com o trânsito lento próximo as ruas do trajeto. Mesmo alguns cortejos sendo realizados ano a ano, por décadas a fio, na mesma data e trajeto, o fato



Figura 4 - Trajetos e trejeitos: corpos-batuqueiros ocupam a rua com uma alegria que protesta e devolvem ao lugar o sentimento recebido entre-corpos, Aparecida, SP, 4 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

pode aparecer como um imprevisto para as demais pessoas alheias à manifestação e estes corpos reagem, numa comunicação gestual sutil ao olhar no relógio que marca o atraso do transeunte ou no buzinar ofensivo do corpo-carro que não suporta a baixa velocidade do **corpo-cortejo**.

Os corpos-batuqueiros que constituem o corpo-cortejo lento, colorido e ruidoso também discursam, também por gestos se comunicam cantando mais alto, batendo mais forte, desviando ou fixando o olhar, acelerando o passo ou acrescentando um giro para se demorar um pouco mais. Desfilarem-se a si próprio, com coroas, mantos, fitas e tambores exige uma postura destemida de uma alegria que protesta. É nas vias públicas, e não exatamente nas igrejas, onde os tambores tocam e são tocados sem pudor e os corpos se mostram sacralizados pela força do Congado popular.

Ver o cortejo

Tensionado e em movimento, o diálogo acontece entre-corpos-lugar nos cortejos. Como afirma Merleau-Ponty (1975) em “O Olho e o espírito”, só se vê aquilo que se deseja olhar, e para ver a comunicação gestual entre corpos-batuqueiros, espectadores e transeuntes que ocupam e preenchem o traçado urbano é preciso estar disposto, é preciso desejar ver. Voltar-se intencionalmente para o fenômeno e ver o que dele se apresenta. Aqui destaco principalmente as imagens registradas de 3 a 5 de abril de 2016, em Aparecida, na 107ª Festa de São Benedito, porque naquela festa não acompanhei o grupo de Rio Claro, mas me dediquei a andar solta pelos vários momentos da festividade, pernoitando em um local próximo à praça onde se concentrava os milhares de corpos-batuqueiros do Congado. Contudo, percebi a comunicação gestual entre-corpos nessa e em outras ocasiões

experienciadas, mas nunca tinha me atentado para o diálogo entre-corpos que não aceitam o cortejo, tal como aqui almejo descrever – fato é que essa recusa já é em si uma relação com o Congado.

Em todos os lugares, reparava nos transeuntes que se punham a olhar o cortejo e se tornarem espectadores. Olhares de admiração e encantamento, focados em um detalhezinho da roupa, tanto quanto no conjunto do Congado. Conversei com pessoas religiosas e não religiosas que nomeavam aquilo que lhes passava diante dos olhos como cultura, folclore, coisa do povo, patrimônio, tradição – elas nomeavam o que lhes fazia sentido, e aquilo era o que existia porque lhes comunicava um significado a partir de suas próprias vivências, em fissura com o outro.

Quando então se deseja ver o cortejo, aceitando a manifestação pública dos corpos-batuqueiros, permite-se ser-com o cortejo, vendo a encarnação do mundo do Congado. Este ver é uma abertura, uma fissura ao outro: “A visão não é um certo modo de pensamento ou de presença a si: é o meio que me é dado de estar ausente de mim mesmo, de assistir de dentro a fissão do Ser, só no termo da qual eu me fecho sobre mim” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 298). A rua, como espaço público, se realiza então nessa possibilidade de ver e de aproximar-se com abertura para perceber o corpo-cortejo.

Iniciada pela percepção e continuada pela linguagem, **a abertura ao outro corpo acontece na significação corpórea dos gestos**. Habitar o Congado, ser-com e abrir-se ao cortejo. Essa projeção do outro, Merleau-Ponty (2012, p. 197-198) bem delineia que se trata de considerar que “[...] a fala do outro não apenas desperta em mim pensamentos já formados, mas também me arrasta num movimento de pensamento do qual eu não teria sido capaz sozinho, e me abre finalmente para significações estranhas”.

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

Daí se admite que no exercício da fala, torna-se aquele que se escuta; no exercício de ver, torna-se aquele que se vê e; na alegria dos Congados se contagia por eles, tanto como no lamento negro das manifestações afro-brasileiras que batucam desigualdades e opressões também se torna um lamentador. Assim, a co-habitação dos diferentes que conformam a rua é uma rica possibilidade de conhecer corporalmente outros mundos.

No discurso de corpos-batuqueiros em um espaço público e na surpresa do acontecer de um cortejo, o diálogo inaugura um tempo e um lugar de Congado, onde e quanto corpos-outros se colocam nos corpos-batuqueiros e, mesmo que apenas por poucos milésimos de segundo, o batuque toma, pelo corpo, pessoas alheias a ele: naquele momento ínfimo e íntimo, compartilha-se dos pés que marcam e são marcados pelo chão em um traçado florido, compartilha-se das mãos que firmemente tocam e são tocadas pela música, vive-se a prosa do mundo pela encarnação do batuque ao se deparar com esse mundo de sentido, mesmo que essa parada seja em um golpe de olhar, em um escutar ao longe, em uma busca ou desvio de caminho.

Ao passo que se impõe o cortejo nas ruas, o desfile dos corpos-batuqueiros traz em si a ambiguidade que, de sobremaneira, é própria da linguagem e próprio do espaço público. Ambos tratam da existência do outro e deixam aberta à significação alheia e a co-habitação. No Congado, a troca simultânea que perfaz a comunicação gestual é um movimento constante nos trajetos e trejeitos dos corpos que buscam ou ignoram aquela situação - quando se acorda no escuro para ver os gestos que a alvorada iluminará ou quando se encosta em um poste, esperando que o lento corpo-cortejo se afaste daquela rua na qual se deseja entrar.

No sol da tarde, os corpos tomam as ruas

Que corpos são esses que tomam as ruas e, ocupando o lugar dado legalmente aos carros, alteram o sentido, a velocidade e a normatização cotidiana do urbano? Que corpos são esses que ao sol da tarde festejam barulhentos e coloridos, atraindo para si a atenção de toda uma cidade? Que corpos são esses que se dispõem a compor um cortejo e fazer-se Congado?

Parafraseando Merleau-Ponty (1975), é oferecendo seu corpo ao mundo que o congueiro transforma o mundo em Congado (Figura 5). Mesmo que seja por poucas e determinadas horas destinadas ao cortejo em um dia específico, ali se instaura o Congado transubstanciado por corpos empenhados no movimento dos batuques: E “para compreender essas transubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele



Figura 5 - À tarde, completamente aquecidos e iluminados, os corpos-batuqueiros tomam as ruas e põem-se em cortejo, fazendo-se Congado, Aparecida, SP, 4 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e de movimento” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 215).

Em Guaratinguetá, Itapira, Casa Branca, Batatais, Pirapora do Bom Jesus e Aparecida do Norte, os corpo-batuqueiros que conformavam os cortejos de Congado eram algumas crianças, poucos adolescentes, muitos jovens e, predominantemente, adultos e senhores acima de 40 anos. Um pouco mais de homens do que mulheres. Mais negros do que brancos. Boa parte deles católicos, mas também se achegavam pessoas de outras religiões para integrar os grupos de Congado. Sempre tinha quem era novo e participava pela primeira vez do cortejo, mais acanhado, dava para perceber nos olhos que miravam aquele mundo do Congado cheio de detalhes. Outros mais soltos, de braços abertos e gargalhadas largas, cumprimentavam as amizades adquiridas de outros cortejos.

Para fazer parte do cortejo, o corpo-congueiro participa de um terno ou guarda - denominação comumente dada pelos próprios integrantes ao grupo. Assim, o corpo-batuqueiro se une a outros corpos que constituíam uma unidade do cortejo: o **corpo-terno**. E nessa unidade do corpo-terno é que as histórias do Congado são passadas e a coesão pela fé aos santos negros, aos tambores e a dedicação às apresentações e viagens é movimentada a ponto de se formar um grupo. Na unidade corpo-terno (Figura 6), o lugar de onde essas pessoas vem emerge com força no sotaque da cantoria, no estilo da movimentação e pelo modo de se fazer grupo. Contudo, o corpo-terno, por sua vez, não torna homogêneo os corpos-batuqueiros, embora vestindo-os com a mesma cor, nem mesmo abafa o jeito de tocar e cantar particular



Figura 6 - Corpo-batuqueiro, corpo-terno e corpo-cortejo: empenho e dedicação ao Congado, Aparecida, SP, 3 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

de cada batuqueiro ainda que estejam sob uma única música, envolvidos pela sonoridade deste mesmo corpo-terno. Os gestos, enquanto expressão particular, significada na relação entre-corpos, abrem-se à capacidade de compreensão para além daquele conjunto de corpos, sendo manifestados por todo corpo-terno a partir de cada corpo-batuqueiro.

Como afirma Merleau-Ponty (1994, p. 122), “ter um corpo é, para um ser vivo, juntar-se a um meio definido, confundir-se com certos projetos e empenhar-se continuamente neles”. Esse empenho, aderência, dedicação expõe a relação do ser-no-mundo, simultaneamente falando do ser e do mundo, imbricados, em relação. Por isso dizer de uma unidade (corpo-terno) não é contradizer suas particularidades (corpo-batuqueiro), mas ressaltar que em cada parte que a constitui, existe um sentido que a torna possível ser-e-estar juntas e que esse sentido não homogeneiza as partes constituintes de uma unidade, contudo desvela o empenho de um vínculo, um laço, uma dobra.

Conversando com os integrantes e mestres dos grupos, sempre comentavam da alegria de encontrar outros irmãos congueiros, da beleza de se construir amizades que ano a ano se reviam nas mesmas festividades e na força que se ganhava ao se “louvar com grupos como eles” – formado por pessoas como eles, quando e onde eles se sentiam um mesmo corpo, um corpo-batuque, um corpo-cortejo. E seus corpos suando, cantando, dançando não desmentiam os

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

comentários (Figura 7). Não era da boca para fora, era da boca para dentro. Era se alimentar de batuque, se alimentar com o batuque, se alimentar pelo batuque do Congado. Crescer e multiplicar vivendo a força e alegria da manifestação do Congado em cortejo.

Do outro lado da rua, no mesmo instante do registro da imagem abaixo, uma farmácia está aberta em funcionamento. Corpos adoentados compram remédios, pois lhes faltam a força do movimento. Na calçada, transeuntes passam sem se contagiar com alegria do pulo do jovem e atrasados seguem seu caminho. Logo atrás desse trecho do cortejo, em oposição a colorida saia e limpa roupa dos corpos-batuqueiros, uma montanha de lixo se acumula. Tudo isso conforma o cortejo de Congado no urbano, e tudo isso compõe a atmosfera do corpo-lugar em movimento.

O movimento é o acordo perceptivo com o mundo (MERLEAU-PONTY, 1994), pelo qual é possível a expressão dos gestos. Aparentemente, caótico,



Figura 7 - Alegria e força em movimento: detalhe do pulo de um corpo-batuqueiro em um corpo-terno, Aparecida, SP, 4 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

o movimento traz em si o ordenamento e a forma de códigos inscritos em corpos e lugares. É apenas no movimento que se torna possível compreender o diálogo gestual entre-corpos e a carnalidade dos cortejos.

O diálogo se instaura no movimento da percepção do que não mais é invisível corporalmente, pois sua visibilidade foi possível subitamente naquele momento de encontro que ordena e dá sentido aos códigos – de perceber outros mundos que dançam e cantam, que se enfeitam de fitas, cetim, renda e coroa em menção à Coroa portuguesa e de zebras, onças, guias, chocalhos e tambores em menção aos Reinados africanos. De perceber que o canto é uma oração poderosa, seja para São Benedito ou Obaluaê, de perceber que a cultura e religião não são separadas, estanques, intocáveis, mas que se manifestam/são manifestadas nos corpos-batuqueiros que dançam rezando e rezam dançando. De perceber-se desses mundos mesmo quando se vai a farmácia, quando o lixo se amontoa na esquina ou quando a moto e a bicicleta rompem a faixa de desvio e atravessam por entre o cortejo.

A ambiguidade, presente em todas as formas de linguagem, constitui também aqui a natureza do fenômeno expressivo corporificado. Ao compreender que “o sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 251), o filósofo abre para a espacialidade fundada gestualmente entre-corpos que, inclusive, compreende a negação, a recusa, o fechamento, o desdém para com a manifestação do Cortejo em Congado por se tratar de percepções distintas de um mesmo fenômeno, por corpos em situações diversas. Por isso mesmo, a inscrição do cortejo de Congado no espaço urbano para alguns pode ser

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

compreendida como “que tedioso, extravagante, desnecessário, inconveniente”, já para outros “que espetacular, curioso, vivo, belo”.

É importante considerar que, para Merleau-Ponty (1971), a espacialidade deve ser compreendida ligada à sua ontologia encarnada. Isso significa, para Pallamin (2015, p. 153), que a espacialidade é situacional, fundada na corporeidade encarnada: “Os lugares do espaço [...] inscrevem ao redor de nós o alcance variável de nossas visadas e de nossos gestos”. Como seres de espaço e de tempo, nossos gestos não o são “no” espaço (espaço como extensão), mas são geradores “de” espaço.

É a gestualidade performática que permite esta dobra, esta modulação que abre possibilidades, como liberdade e, também, como prisão da linguagem encarnada. O gesto, que possui sua própria temporalidade, funda espaços relacionais, dotando a cidade de porosidade, zonas de fuga e de contato: possibilidades no diálogo entre-corpos-lugares.

E junto aos cortejos, estão as pessoas nas calçadas que observam a manifestação, os espectadores tem um papel importante, são esperados, desejados e movem os corpos (Figura 8). Que seria um cortejo de Congado sem espectadores (aqueles que assistem/ presenciam) e expectadores (aqueles que tem expectativa)? Que seria desfilar sem pessoas assistindo ou esperando? Que movimenta no corpo-batuqueiro ter muitas, poucas ou nenhuma pessoa desejosa por ver o corpo-cortejo?

Merleau-Ponty (1975, p. 215-216, destaques no original) atenta que “é preciso que com meu corpo despertem os **corpos associados**, os “outros”, que não são meus congêneres, como diz a zoologia, mas que me frequentam, [e] que frequento”. É necessário que o mundo visível me movimente, tanto quanto



Figura 8 - Corpos-batuqueiros, transeuntes e espectadores fazem parte da carnalidade do cortejo do Congado e expressam-se por gestos em seus corpos-lugares, Aparecida, SP, 4 de abril de 2016.

Fonte: SILVA, E. F. F.

eu o movimento com uma mirada que me constituem naquela situação: “O mundo visível e de meus projetos motores são partes totais do mesmo Ser” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 216).

Os gestos entre-corpos não se trata do movimento sob uma decisão do espírito em seu retiro subjetivo absoluto e fechado em si. Assim, os gestos não são movidos, eles próprios se movem no desenvolvimento a partir de si: um corpo que dança o sabe fazer dançando, um corpo que toca o sabe fazer tocando, um corpo que assiste o sabe fazer praticando o olhar. Além do movimento em desenvolvimento, a reversibilidade dos corpos condiz acerca dos gestos: “O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o ‘outro lado’ de seu poder vidente” (MERLEAU-PONTY, 1975, p. 275).

O corpo-cortejo que olha e é olhado, que toca e é tocado, que canta e que escuta se faz no movimento que se desenvolve de acordo com os trajetos e

trejeitos do Congado. No espaço público urbano, todos os corpos que co-habitam aquele momento cortejo não metamorfoseiam as coisas mesmas em sua visão, mas decifram os signos dados no corpo.

Em Guaratinguetá e Aparecida, vendo o desfile dos cavaleiros que acontecia na programação, peguei-me a refletir quem eram aqueles senhores e senhoras que desfilavam com seus belos cavalos enfeitados enquanto a gente das Congadas lotava as calçadas para observar. Aqueles corpos montados eram os donos de terra na vizinhança e faziam questão de ter um tempo e espaço para si nos festejos, como me confirmara os cidadãos. Em todas as cidades do interior paulista era comum o apadrinhamento do festejo por um casal católico que tinha renda para bancar uma parte da festa. Mais uma vez eram senhores e senhoras brancas que ganhavam destaque no cortejo e nas missas. Essas tensões ora sutis, ora escancaradas entre-corpos conformam os embates de ver e ser visto pelos vários grupos sociais que perfazem os momentos das festividades do Congado.

Neste sentido, a descrição da experiência da des-ilusão (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 48) possibilita conhecer a fragilidade do “real”. Tratar das tensões, dos descompassos, dos corpos fechados ao Congado, do lixo, da pressa, do urbano que é co-habitado por tantos outros corpos enquanto o cortejo passa é se aperceber de uma nova aparência do fenômeno que retoma por sua vez a função ontológica anterior: “A des-ilusão só é a perda de uma evidência porque é a aquisição de outra evidência” (MERLEAU-PONTY, 1971, p. 48).

É chegada a despedida, a noite leva os corpos-batuqueiros

Quando o cortejo acaba e a missão de batucar para o santo negro se cumpre é hora de retornar às cidades de origem. À noite, já se aconchegando no ônibus que os levará para casa, os corpos-batuqueiros

falam consigo mesmo sobre o dia sentido na pele queimada ao sol, nos joelhos desgastados pelas ruas íngremes, nas mãos e pés com bolhas e no ritmo cardíaco acelerado com o Congado. E a carne, envelope do que é visível, aproveitando a chegada da noite, fala e escuta seus movimentos de exaustão, de câimbra, dormência, fadiga. Todavia, não é qualquer cansaço, é o cansaço após um dia de festejo em um cortejo de Congado e isso muda a percepção, pois a satisfação de se aderir a escolha de ser-e-estar-com Congado faz com que o corpo reaja diferente a esses sinais corpóreos. A recuperação e o desejo por participar de outro cortejo rapidamente tomam os corpos-batuqueiros que se põem na estrada a pensar no dia ocorrido e a almejar um próximo encontro no escuro, rumo a alvorada com tambores nas ruas.

E assim, dos primeiros aos últimos raios de sol, dos corpos-outros, corpos-batuqueiros, corpos-ternos, corpos-congado, a carnalidade do cortejo está latente em cada corpo-batuqueiro que se presta a ser Congado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: GESTOS DE MUNDOS NO ENTRE-CORPOS-LUGARES EM CORTEJOS DE CONGADO

A fenomenologia da linguagem desenvolvida por Merleau-Ponty é fecunda para pensar a carnalidade dos fenômenos. Rompendo o silêncio primordial que origina a linguagem, os gestos expressam esse primeiro contato da relação entre-corpos-lugares. Seja um olhar lançado de admiração ou reprovação, um sorriso aberto ou uma testa enrugada ou mesmo dar as costas e virar-se contrário à direção de um cortejo, o diálogo gestual nas festividades do Congado podem, a quem se dispõem a vê-lo, ser compreendido na trama da prosa do mundo, em movimento, constantemente significadas no contato de mundos.

Partir das experiências das cidades de Guaratinguetá, Itapira, Casa Branca, Batatais, Pirapora do Bom Jesus e Aparecida do Norte, entre 2014 e 2016, quanto aos trajetos e trejeitos dos vários corpos que conformam os cortejos de Congado, é revisitar tais cidades percebendo o fenômeno por outras facetas, ao criar novas leituras da experiência sempre mutante e inacabada (MERLEAU-PONTY, 1971).

Atentar-se à negação, rejeição, circulação de outros discursos e situações que se expressam nos gestos entre-corpos é conhecer a fragilidade do “real”, é pensar os avessos e a reversibilidade que toca/é tocada na manifestação. Atentar-se aos gestos entre-corpos é focar no sutil, ordinário, banal – aquilo que tanto me fala, a todo o momento, mas que não me apercebo se corporalmente não estiver presente e aberta a ver.

Na comunicação dos gestos, a visão assume um sentido especialmente válido. Mas não vejo apenas com os olhos, vejo com o corpo todo que sou: ao subir as ladeiras, vejo o relevo; ao ouvir a música, vejo o batuque; na alvorada, à tarde ou à noite, vejo o movimento dos corpos se deslocando junto aos astros.

A exposição dos corpos no espaço público – sejam corpos-batuqueiros, transeuntes e espectadores – são aberturas para se habitar o outro e arrastar-se para significações estranhas, com projeções e incorporações possíveis apenas no contato. Assim, ousar ocupar a rua é um alegre protesto tanto para os que estão na via, quanto para os que estão na calçada, tanto para os que estão a pé, quanto para os que estão de carro. O gesto de ocupar a rua é uma abertura para que os corpos habitem essa fissura e vejam de um outro corpo-lugar.

Nos cortejos de Congado, os corpos-batuqueiros, corpos-ternos e corpos-cortejo desejam os espectadores e almejam desfilar a si próprios em sinal de fé e devoção. Na rua, onde os tambores são tocados sem pudor, a carnalidade do cortejo assume o visível do que ora não era, e

se faz reza que canta e dança. Dos instrumentos robustos e ruidosos às roupas coloridas e brilhosas com manto e coroa, o Congado é formado para atrair a atenção e para comunicar por gestos o batuque aos santos negros. De distintas formas, outros corpos também gesticulam ao cortejo, sinalizando a compreensão do que se vê e do que é visto, do que move e é movido. Ressaltar esse diálogo entre-corpos-lugares é pensar a dobra da carnalidade dos cortejos que se vale da multidão, mas que reverbera em cada corpo particular que gesticula ao mundo, seu próprio mundo. 

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. Os congos. In: ANDRADE, M. **Danças dramáticas no Brasil**. II vol. São Paulo: Livraria Martin Editora, 1959. p. 8-135.

BRANDÃO, Carlos Roberto. **A Cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

DE PAULA, Fernanda Cristina. **Resiliência encarnada do lugar: vivência do desmonte na Linha (Brasil) e em Mourenx (França)**. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências, Unicamp, Campinas, SP, 2017.

FURLAN, Reinaldo; BOCCH, Josiane Cristina. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v.8, n.3, p. 445-450, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos A. R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A prosa do mundo**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas**. Trad. Fábio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Coleção Os Pensadores, São Paulo: Abril Cultural, 1975.

Carnalidade dos cortejos de Congado: uma interpretação dos gestos entre-corpos

Elisabete de Fátima Farias Silva

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José A. Gianotti e Armando M. d' Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Signos**. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, v. 13, n. 2, p. 141-148, 2008.

PALLAMIN, Vera. **Arte, cultura e cidade**: aspectos estético-políticos contemporâneos. São Paulo: Annablume, 2015.

RABAÇAL, Alfredo. **As Congadas no Brasil**. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, Conselho Estadual de Cultura, 1976.

SILVA, Elisabete de Fátima Farias. **Entre corpos e lugares**: experiências com a Congada e o Tambu em Rio Claro/SP. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, SP. 2016.

SILVA, Elisabete de Fátima Farias. Geografia e Música: encontros e caminhos do fenômeno sonoro nos cortejos de Congado. **Geograficidade**, v. 8, n. especial, p. 58-75, 2018.

Submetido em Outubro de 2018.

Revisado em Dezembro de 2018.

Aceito em Dezembro de 2018.